



EDUARDA LINS

Leituras &

Livro-reportagem



Leituras
& Leitores

© 2016 Eduarda Lins
1º edição

Direitos reservados desta edição:
Eduarda Lins

Edição:
Eduarda Lins

Revisão:
Fernando Firmino

Capa e projeto gráfico:
Eduarda Lins

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L759l Lins, Eduarda Thais Soares
Livro-reportagem. - Leituras e leitores [manuscrito] / Eduarda
Thais Soares Lins. - 2016.
96 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Agrárias e Ambientais, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Fernando Firmino da Silva,
Departamento de Comunicação Social".

1. Livro-reportagem. 2. Jornalismo literário. 3. Importância
da leitura. I. Título.

21. ed. CDD 070.4

Eduarda Lins

Leituras & Leitores

Livro-reportagem

Para os meus pais, por terem me
ensinado a ser a melhor
parte de mim.

Fiquem com esse pequeno mundo que eu, juntamente com outros personagens principais, criamos para que você se deleite no imaginário, ilusório e, ao mesmo tempo, real mundo dos livros.

Sumário

Prefácio	12
Crônica (Leitura e liberdade)	14
A geração que sabe escutar	16
Livros versus e-books	24
Leitura e dispositivos móveis	28
Literatura e jornalismo, juntos	32
O perfil do leitor	40
Apaixonada por palavras	88
Créditos	94

Prefácio

Para mim, foi uma grata surpresa quando fui convidada por Eduarda Lins para escrever o prefácio do seu livro, que também é o seu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Além da alegria por ter esse privilégio, não posso esconder o grande desafio que seria fazer a leitura de um livro que fala sobre leitura e leitores, da perspectiva de uma recém-formada jornalista, sem “jogar” sobre ele tantos aparatos teóricos da minha área de atuação profissional (Letras).

Mas a minha maior surpresa foi me esquecer de todos eles quando me entreguei, sem resistência, a estas divertidas e sérias linhas, compostas por palavras que tanto falam dessa jovem escritora e que expressam tão bem o seu perfil divertido de menina mulher e de adulta sapeca.

Trazar à lembrança o meu tempo de criança, quando, tão inocentemente, me entregava sem reservas aos contadores de histórias bíblicas, foi o maior presente que recebi ao ler esse livro. Que tempo maravilhosos! Muitos princípios foram estabelecidos em mim através da contação de história, e resgatar esse tempo foi uma experiência sublime que você, leitor, com certeza, também terá.

Os vários tipos de livros, as várias formas de leitura, os mais variados leitores, os mais diversificados ambientes, as mais variadas experiências, o passado e o presente, o antigo e a modernidade, resolveram se encontrar aqui. Isso mesmo! Você será contagiado com as muitas experiências de sucesso a partir da tríade livro, leitora e leitores. Depois de lido tudo, impossível você não desejar ter mais experiências com esse universo tão lúdico e apaixonante, que é o universo da leitura.

Como não indicá-lo? Eu indico, sim, a leitura desse livro, leitura versus leitores. Eu indico Eduarda Lins. Você, querido leitor, precisa conhecê-la através desse fascinante mundo da escrita. Você a encontrará em cada palavra e até mesmo num simples sinal de pontuação. Portanto, prepare-se e divirta-se!

Magliana Rodrigues da Silva

Admiradora incontestada desse universo que foi criado
(e até hoje é sustentado) pelo Poder da Palavra.

Leitura & Liberdade

Por: Marcelo Canellas

Se eu fechar os olhos agora, ainda posso ouvir minha avó lendo para mim um conto de capa e espada, uma caçada a um dragão ou as peripécias de um pirata inglês fugindo da Armada espanhola no mar do Caribe. Eu nem sabia ler ainda, mas a ideia de pousar os olhos naquelas páginas e encontrar aventura, suspense e emoção me impelia a querer dominar logo a sopa de letras que me intrigava. Alfabetizar-me era ter acesso a um repertório infinito de sensações.

Tenho pena dos que não gostam de ler. Mas tenho mais pena ainda dos que não conseguem ler. Se aqueles estão voluntariamente privados do hábito da leitura, a estes foi cruelmente surrupiado o prazer inebriante da fabulação escrita. O educador Rubem Alves conta que “Cem Anos de Solidão” lhe produziu espantos e ataques de riso. Para ele, entrar em contato com a literatura de Gabriel García Márquez era experimentar o assombro de um mundo fantástico sem precisar se drogar. “Quem lê não precisa cheirar pó”, concluiu.

Esse torpor que a literatura provoca só pode estar mesmo ligado ao prazer. Ler não deve ser castigo jamais. Jorge Luís Borges dizia que há tantos livros deliciosos

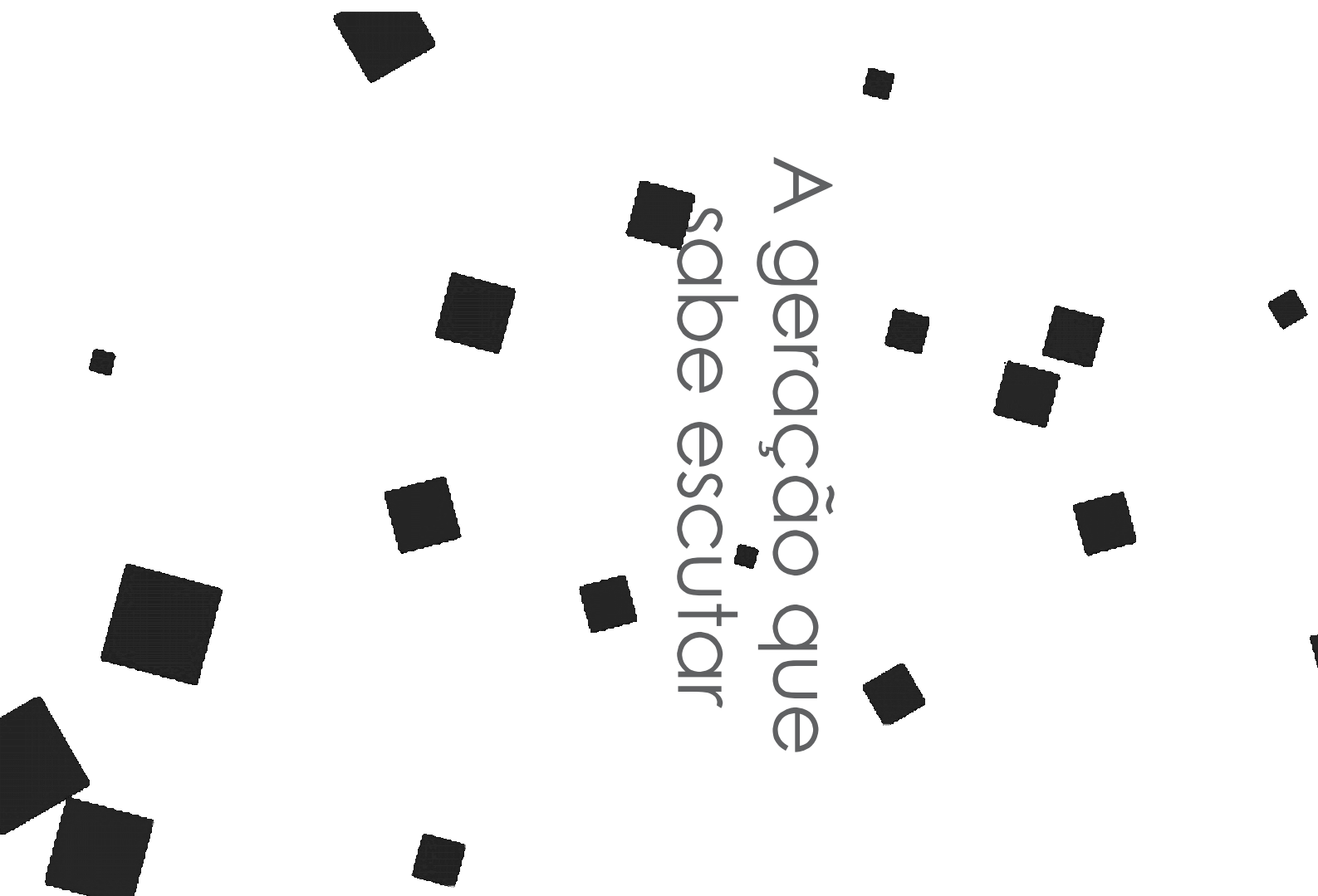
para serem lidos que não vale a pena ler os que não são prazerosos. Ler me torna livre inclusive para não ler. Nisso tenho a companhia de Fernando Pessoa: “Ai que prazer/ Não cumprir um dever,/ Ter um livro para ler/ E não o fazer”. Mas só sou livre, de fato, se o ócio for uma escolha, se o deleite de uma nova história me for possível assim que eu o desejar.

Trata-se de uma monstruosa violência manter milhões de pessoas afastadas das possibilidades que a leitura oferece, os chamados analfabetos funcionais. São indivíduos que, embora reconheçam as palavras, não conseguem compreender nem interpretar um texto. O IBGE considera analfabetos funcionais os adultos que têm menos de quatro anos de estudo. Por esse critério, 20% da população seriam de analfabetos funcionais. Mas pesquisas mais aprofundadas, com critérios mais rígidos e específicos de apuração de capacidades, feitas pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, apontam que 75% da população seriam de analfabetos funcionais. Ou seja, de cada 4 brasileiros, 3 não conseguem compreender e interpretar um texto mais complexo.

Qual o impacto dessa tragédia cultural num ambiente de novas plataformas de leitura, em que a escrita telegráfica domina os dispositivos móveis digitais? Não vejo políticas públicas apontando para o direito fundamental de ter acesso ao prazer da literatura. Uma nova campanha abolicionista, contra a escravidão da ignorância e pelo direito de compreender um texto escrito é a tarefa de todos os que se envergonham de viver num país de iletrados à força.

Marcelo Canellas - jornalista e repórter Especial da Rede Globo.
(Crônica inédita e exclusiva para o livro)

A geração que
sabe escutar







Não é de hoje e nem de ontem que as contações de histórias acontecem, mas é desde o tempo que nem existia papel e caneta, distante da nossa geração, da tecnologia, dos livros, revistas e jornais. Era assim que tudo acontecia, o conhecimento e a cultura eram passados de geração em geração por intermédio da contação. Alguns se aglomeravam em frente à casa um do outro pra contar as histórias. Havia interação, sorrisos, lágrimas, alguns até se abraçavam. Talvez quem contasse não sentisse, mas quem estava ouvindo conseguia sentir direitinho o peso do que estava sendo falado.

O que chama a atenção é que, no século da tecnologia, ainda podemos ver pessoas que se encontram para ouvir as histórias. Crianças que não ficam em frente ao computador brincando, mas que vão às livrarias passar a tarde escutando. Ficam em silêncio, parece gente grande, comportadas e atentas. Os olhinhos acompanham os passos do contador, mal piscam, sorriem, gargalham, abugalham os olhos, mas não saem do lugar. Enfim, encontraram a geração que sabe escutar.

Camila chegou sorridente, parecia uma princesa, com vestido roxo e cheia de amor no coração. Com ela, do ladinho com o violão, seu noivo João. Sentaram, ele no banco e ela no chão, e esperaram a hora certa. De repente, um mar de crianças começam a surgir, de várias tamanhos e idades, os pais acompanhavam, sentam no chão e escutam as canções que Camila Melo, contadora, começa a cantar. É no tilintar do violão do João e com a voz doce da Camila que a história começa, cantando e encantando com gestos e feições.

Camila Melo tem 28 anos, é pedagoga e noiva do João Junior, também com 28 anos e contador, mas não de histórias. Os dois formam o par perfeito. Enquanto ela conta as historinhas, ele toca as melodias que dão mais vida ao ambiente. Não há silêncio, só calma e uma vontade de ficar ali, parada, apreciando o amor que a gente encontra quando os dois param pra fazer o outro feliz.

Geralmente quando trabalhamos algumas temáticas colocamos um fundo musical e, por mais que não seja o alvo da história, torna o momento mais sublime e real. (João Junior)

Roberta Valentina, de 4 anos, que o diga. Ela não perde nenhum sábado de história. Apesar de ter muitos dos livros que Camila usa para contar história, Valentina prefere escutar, até porque ela ainda está aprendendo a juntar as palavrinhas, o que não a impede de participar ativamente da contação de histórias. Ela olha, gesticula, participa e ainda faz com que os coleguinhas façam o mesmo. Alguns chegam tímidos, sentam no cantinho da sala, no colo das mães, mas depois se soltam, começam a fazer novos amigos, conversam, riem, se abraçam e brincam de rodar. Ah, claro, e ajudam Camila a contar as histórias.

São três anos indo, todos os sábados, duas vezes ao dia, para levar alegria e conhecimento às crianças e adultos no Clube Ludi, loja de brinquedos que está situada no Shopping Luiza Motta em Campina Grande, no bairro do Catolé. Sim, adultos participam também, porque os pais também aprendem com tudo isso. Camila Melo não usa a imaginação para contar as histórias, ela acha importante usar os próprios livros para estimular a leitura, e são livros educativos que, em uma folha ou outra, ensinam as crianças como se portar, ou a não jogar lixo no chão, e até mesmo a escovar os dentes. Uma forma divertida de instruir os pequeninos aos bons hábitos.

Folhear as historinhas, por mais simples e pequenas que sejam, acabam deixando as crianças curiosas e faz com que elas queiram fazer aquilo também. É o caso da Isabella Rocha, a irmã de Valentina, de 2 anos. Ela ainda não sabe ler, mas ama pegar os livros que a mãe, Renata Cardoso, professora de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba, compra. Renata acha esse contato importante, por isso nunca deixa de comprar livros para as filhas. Ela diz que as meninas amam escutar Camila contar histórias e, por isso, não perdem nenhum final de semana sem ir ao Clube Ludi, livraria que oferece a contação de histórias gratuitas para quem quiser ouvir.

Mesmo sabendo de cor e saltado a maioria das histórias que Camila conta, Valentina fica atenta, ora deitada, ora sentada, mas sempre prestando atenção em tudo o que está sendo dito. Ela e Isabella ficam juntinhas, pegam alguns livros e folheiam, contam uma para outra a história do livro de Ninoca, a ratinha bailarina.

Bella, como é chamada pela mãe Roberta, conta detalhe por detalhe a cada página examinada por Camila, a contadora de história. “Elas ficam em casa contando e inventando historinhas uma para a outra, cantam, pulam e fazem os gestos, iguais da Camila.” diz Roberta, com um brilho intenso no olhar e um sorriso orgulhoso no rosto.

As filhas, mesmo tendo acesso a internet, não passam muito tempo conectadas ao mundo virtual. Roberta prefere deixar que elas fluam o imaginário através dos livros, da pintura e da música, mas não as impede de brincar no tablet, celular ou computador. Camila, que além de contadora de histórias também é pedagoga, fala que a internet pode ser usada de forma saudável, mas que, muitas vezes, os pais deixam as crianças livres demais e elas acabam dependentes, prejudicando a forma de aprendizagem delas.



O contato com o livro é muito importante no começo. Vai gerar o gosto pelo imaginário. O livro e a tecnologia são coisas que se complementam... O que atrapalha é o uso excessivo. (Camilla Melo)

Mas isso não as impede de usar a tecnologia. Lá, quando Ninoca estava dando tchau aos amiguinhos depois de uma tarde de festas, uma das meninas deixou o celular cair quando se levantava para brincar de roda; alguém o pegou e guardou, ela olhou e sorriu, não houve apegos. Ela achou que brincar, naquele momento, seria mais interessante do que ficar no celular, perdendo a oportunidade de se divertir com os coleguinhas. E quando a brincadeira acabou, quando Ninoca já havia indo embora e Camila já estava dando tchau, a dona do celular desceu as escadas e o esqueceu. Ela deveria ter uns quatro anos, não voltou, mas a pessoa que tinha guardado o devolveu. Às vezes, a tecnologia não é tão urgente quanto imaginávamos que fosse.





Ninoca toma
um copo de
suco

geladeira



Livros versus
e-books

Tudo é livro no final das contas, certo? Não vamos discutir sobre quem é melhor, mas sim, vamos falar da facilidade de se ter os dois a nosso favor. Não é sempre que podemos levar nossos tantos e tantos livros para uma viagem, e não é sempre que o Kindle ou o tablet vão estar com 100% de bateria. Os dois existem para suprir nossas necessidades de cada dia em momentos diferentes. Uma certeza nós temos, os livros nunca irão acabar.

É isso que os escritores italiano Umberto Eco e o francês Jean-Claude Carrière dizem em seu livro 'Não contem com o fim do livro.' A tecnologia vem para trazer vantagens e não necessariamente para apagar o que existia antes. O que existia vai continuar existindo e a tecnologia vai trazer novas possibilidades de você levar mil livros no bolso. E assim como o rádio não deixou de existir com o surgimento da televisão, e nem a televisão acabou porque a internet apareceu, o livro não irá acabar porque surgiu um novo dispositivo.

A tecnologia tem tomado um lugar exorbitante na vida das pessoas. Hoje vemos poucas pessoas com livros em mãos, talvez eles carreguem em seus kindles, tablets, ou simplesmente não carreguem em lugar nenhum. Mas temos aqueles que, mesmo com todo arsenal tecnológico, guardam lugar e espaço para apreciar um bom livro, físico, de preferência.

Mas, com certeza, existem aqueles que mesclam as leituras em plataformas diferentes. Alguns têm bibliotecas em casa e outros em seus dispositivos móveis; carregam quatro mil livros no celular. Há vantagens em gostar de ler em dispositivos

móveis, você não precisa levá-los nas mãos, eles, sejam a quantidade que for, caberão todos em seu bolso. E, apesar de não ser todos os livros que tenham a versão eletrônica, um dia todos eles terão, é a lei da evolução. Seja impresso ou eletrônico, o conteúdo estará lá. É o jeito como você enxerga as coisas que acaba dando sentido e te faz sentir tudo de um modo diferente. A forma como você lê um livro faz do seu mundo algo melhor ou pior, depende do seu ponto de leitura. Tem que saber apreciar, ouvir, falar, calar e conhecer, sobretudo, o que está lendo para entender como sentir.

Jean-Claude Carrière fala que sem a eletricidade, está tudo irremediavelmente perdido. Mas, que, por outro lado, ainda teremos os livros para nos fazer companhia, mesmo que a leitura seja feita a luz de velas, quando, segundo ele, toda herança audiovisual tiver desaparecido. “Em todo caso, se a memória visual e sonora do século XX se apaga durante o blecaute, ou de outra maneira qualquer, sempre nos restará o livro. Sempre daremos um jeito de ensinar uma criança a ler.”

O tempo vai passando e o que achávamos que seria para sempre acaba ficando antigo e perdendo o valor, até que outra coisa mais moderna surja para tomar o lugar daquilo que já não nos serve mais. Se toda essa tecnologia vai ficando para trás, mais à frente não nos restará muitas alternativas a não ser o papel. De tudo o que já foi inventado, os livros são um dos poucos que resistiram ao tempo. O Humberto Eco fala que os suportes modernos se tornam ultrapassados com muita rapidez e que não faz muito sentido ficar atulhando esses objetos que, um dia, poderão não nos servir mais. E, se for para salvar algo, que sejam os livros que mostraram a capacidade de resistir a contingência do tempo.

Mas, sabemos que essa geração, talvez, não pense dessa mesma forma, já que estão mais familiarizados com as novas tecnologias e se adequam facilmente ao uso do novo e moderno. Que salvem os livros palpáveis, as memórias, a tecnologia; que salvem a si mesmo do esquecimento, do adeus, do nunca mais. Deem vida ao que passou, continuem vivendo com o que restou deles dando espaço para o que estar por vir, mas sem nunca esquecer de onde tudo começou.

Leitura e
dispositivos móveis





Bráulio Tavares

Ele é filho de poeta, e foi ainda criança que teve o primeiro contato com os livros. Aos oito anos começou a escrever. Ele e a sua irmã, Clotilde, deixaram-se ser influenciados pelo pai, o que não aconteceu com Pedro e Inês, os outros irmãos. “Ele ensinou pra gente como fazer verso, como fazer métrica, como fazer rima, então isso, de certa forma, passou pra gente.” Mas, segundo ele, não há uma obrigação ou gosto pela escrita, tem mais a ver com se sentir confortável no meio da literatura e no ambiente literário. Mas afirma a importância do pai na formação do profissional que ele se tornou hoje.

Bráulio Tavares é escritor, poeta e cronista, e com tantos anos de experiência afirma que sem leitura não dá para ser um bom escritor. Já com os seus mais de trinta livros publicados, ele nunca deixou a leitura de lado, “quem quer ser escritor tem que ler muito, pensar muito, escrever muito... Só pode ser escritor quem tem tempo para ler, quem tem tempo de pensar e quem tem tempo de escrever.” Não adianta querer escrever e dizer que não tem tempo para a leitura que é primordial para a formação do escritor. Mas estamos falando de leitores, não? Sim! Mas é tão difícil separar uma coisa da outra, elas acabam se completando, apesar de não ser uma obrigação. A leitura acaba nos ajudando na forma de escrever, não só livros, ou não só para escrever, mas também para se comunicar melhor com as pessoas, porque a comunicação também faz parte da vida de um bom leitor.

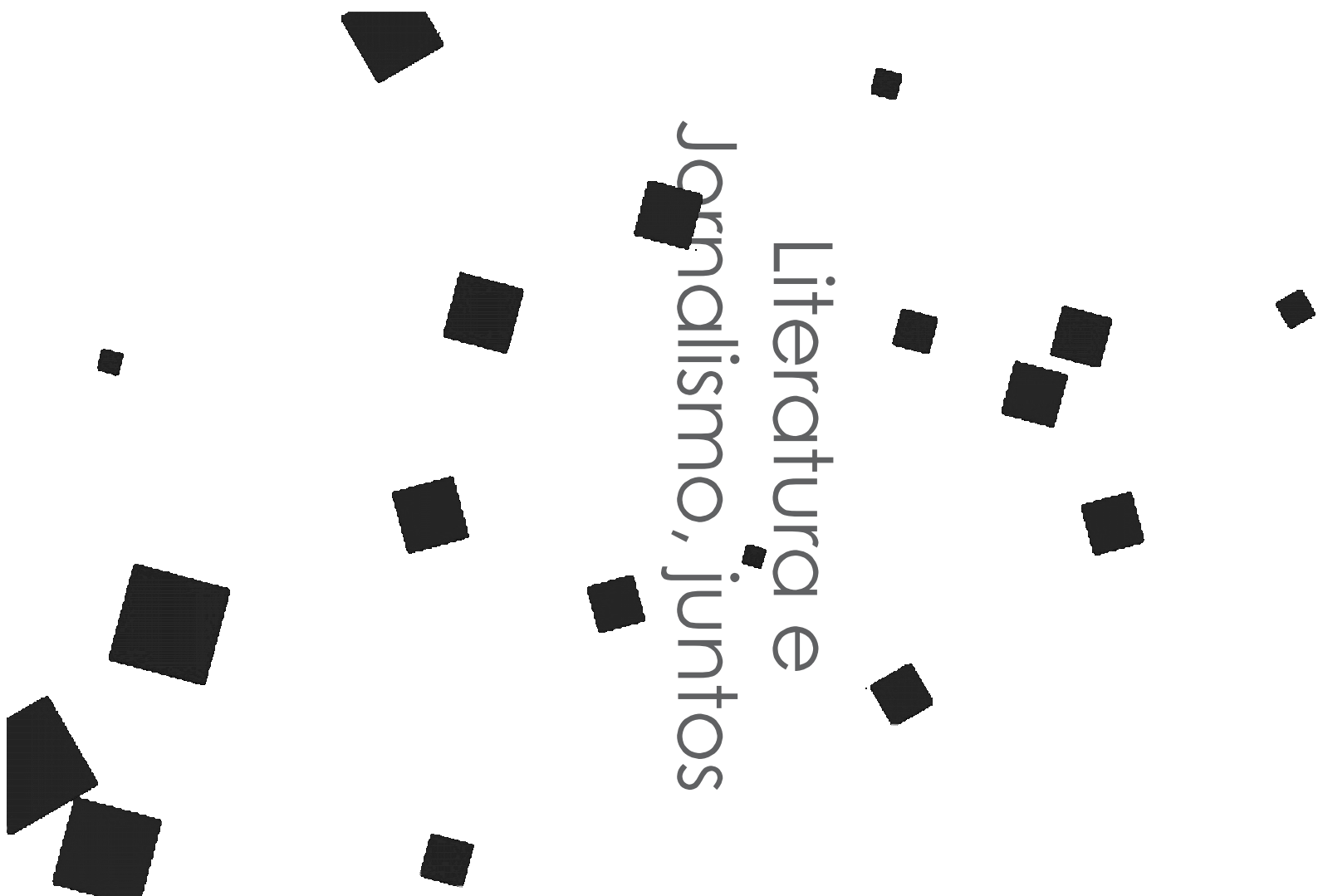
Crescer rodeado de livros ajuda muito na formação do leitor, mas nada disso adianta se você não se interessar. Tem que haver interesse, gosto, prazer pela leitura. Mas também não significa que você não possa se tornar um leitor depois de crescido. Todos os dias são dias de começos e recomeços. Nunca é tarde para colocar em prática algo que só te faz crescer.

Bráulio Tavares nos fala das suas influências quando pequeno, e cita alguns dos autores que lia e ainda lê, como: Monteiro Lobato, que é o que todo brasileiro lê, Malba Tahan, escritor paulista que escrevia com pseudônimo árabe, Paulo Coelho, Colan Doyle, as aventuras de Sherlock Holmes e Agatha Christie. Alguns autores de ficção científica como Julio Verne, Agagi wheels e outros. E não poderia faltar os poetas brasileiros, como Castro Alves, Augusto dos Anjos e Olavo Bilac. Boas influências geram bons leitores e bons escritores.

Colecionador de livros e com uma biblioteca particular com mais de quatro mil livros, Bráulio Tavares diz ser devoto do livro de papel e que queria muito que eles não acabassem, pois gosta de manusear e folhear os livros físicos. Mas, em contra partida, ele também fala que a tecnologia eletrônica veio para acrescentar. Nunca imaginávamos que poderíamos levar livros nos bolsos, e melhor, a quantidade que quisermos. Com o seu acervo de quase cinco mil livros, Bráulio fala da vantagem de poder, se quiser, carregar todos em seu celular, o que não ocorreria se a tecnologia não fosse a favor dos livros eletrônicos. Carregar quase cinco mil livros físicos num viagem sairia bem caro.

Mas sempre existirá aqueles que preferirão o bom e velho livro de papel. Às vezes, as pessoas gostam mesmo é de sentir as palavras nos seus dedos, folhear as páginas e querer descobrir o que as esperam na próxima, sentir o cheiro do papel que, para muitos, cheira a poesia. Mas para outros, o livro eletrônico não difere muito na maneira de ler, ele não tem cheiro, mas pode ser folheado da maneira que se é permitido. Os que leem em dispositivos móveis afirmam que também dá pra sentir tudo o que um livro físico causa. A única coisa que difere os dois é a plataforma, porque o conteúdo continua o mesmo.

Literatura e
Jornalismo, juntos





Marcelo Canellas

Literatura não se resume apenas à livros, mas também é uma característica do jornalismo. Hoje podemos ver que alguns jornalistas e repórteres adotaram esse gênero na televisão. Marcelo Canellas revelou em entrevista que o escritor e jornalista Edvaldo Pereira Lima, em uma de suas palestras falou que, se existe jornalismo literário na televisão ele, Marcelo Canellas, o fazia muito bem. Antes dessas afirmações, o próprio Marcelo não se via como jornalista literário, ele disse que simplesmente aconteceu e que não conseguiria fazer outro tipo de jornalismo senão esse. “Acho que o que aconteceu foi um processo de formulação de uma narrativa, onde eu bebi das fontes as quais eu recorri para minha formação como pessoa, como leitor, como apreciador de cinema...” Mas quem o vê, o lê e o assiste sabe que ele faz de um jeito diferente o que todos os outros poderiam fazer igual. Ele mostra a sensibilidade e a verdade; de fatos à histórias, conta de um jeito mais profundo e humano relatos de vidas que se perderam no meio da multidão ocupada com o seu eu.

Uma das séries que se tornou destaque no país foi **FOME NO BRASIL**, que estreou em Junho de 2001 no Jornal Nacional e acabou sendo uma das mais premiadas do telejornalismo brasileiro. Marcelo Canellas e o cinegrafista Lúcio Alves viajaram por seis estados e o Distrito Federal para que a série fosse concluída.

A ideia veio do próprio Marcelo, ele queria com essa reportagem traçar o mapa de fome no país. Ele sugeriu a pauta à Direção de jornalismo da Rede Globo, mas

foi recusado. Mas Marcelo não desistiu, durante três anos ele reuniu material para provar que a fome poderia ser um tema muito discutido no país. E depois de muito falar e mostrar, a pauta foi aprovada, dando, assim, início a essa viagem onde a fome e a miséria seriam as protagonistas dessa triste, mas, real história.

Foi uma série de reportagens cheias de verdades, contando, de uma maneira singela, as histórias de pessoas que foram esquecidas pela vida. Na primeira reportagem, Marcelo Canellas descreveu a fome no Brasil como “uma tragédia a contatadas, dispersa, silenciosa, escondida nos rincões e nas periferias. Tão escondida que o Brasil que come não enxerga o Brasil faminto e aí a fome vira só número, estatística, como se o número não trouxesse junto com ele dramas, histórias, nomes”.

Uma das personagens que marcou a série foi a lavadeira Maria Rita de 51 anos que sofria de desnutrição. Ela estava tão mal que foi preciso que a equipe da Globo chamasse a ambulância. Maria Rita precisava de cuidados médicos o mais rápido possível. Mas, infelizmente, duas semanas depois de dar a entrevista, foi informado por Fátima Bernardes, apresentadora do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, o falecimento da lavadeira. Ela foi vítima de desnutrição aguda e pneumonia.

A sede de Canellas em mostrar o quão decadente era a quadro de fome no Brasil fez com que ele viajasse em o país em busca de fatos para conscientizar a sociedade de que existe um povo cujo nós esquecemos, mas que clamam para serem vistos.

Marcelo Canellas é jornalista, natural de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e há vinte e cinco anos vem atuando como contador de histórias da vida daqueles que, por muitos, já foram esquecidos. Ele pega para si as dores e as transformam em contos onde não existem reis nem rainhas, a vida que ele conta mostra uma realidade mais dura, mas que, infelizmente, ainda é vivida por muitos.

Ele é um dos repórteres mais premiados da televisão brasileira, com mais de 40 prêmios, entre os quais estão o Boerema, pela sensibilidade ao transmitir a notícia e o reconhecimento pelo documentário sobre a fome transmitido no Jornal Nacional em 2001, e o prêmio Petrobras de Jornalismo em 2014, pela reportagem que mostra a violência de crianças no Brasil.

Canellas não desiste desse mundo onde muitos insistem não enxergar. Há uma indignação na fala do Marcelo quando diz que não se conforma em ver pessoas sendo expostas à fome, à desgraça e perceber que ninguém se mobiliza para ajudar, e se ninguém faz nada, ele vai lá e faz. Seguindo ele, se aquela situação te indigna, isso faz dela uma notícia. Mesmo que muitos venham contra a sua decisão você tem que continuar firme, pois não é fácil, mas também não é fácil ter fome, sede e morrer sem amparo, e muitos estão por aí nessa situação. “Não desista!”

A literatura empresta ao jornalismo muito dos seus recursos, afinal, ambos usam a mesma ferramenta, a língua portuguesa. Edivaldo Pereira, em seu livro ‘Páginas Ampliadas’ nos fala que os bons autores conduzem os leitores a uma viagem simbólica por diversos temas, cenários, personagens, etc. No jornalismo não é diferente, principalmente no literário. Os telespectadores são como os leitores, eles estão ali para ler a notícia, ver os cenários, conhecer os personagens e se emocionar com as histórias reais que são narradas, cabe ao repórter, autor da matéria, passar todas as informações da maneira mais humanizada possível. “Na reportagem, o mais importante é a notícia e você pode usar recursos subjetivos literários, você pode usar metáforas, figuras de linguagens que são comuns na literatura, mas sempre respeitando a integridade da notícia.” Por isso Edivaldo Pereira disse que Marcelo Canellas cumpria esse papel no jornalismo literário na televisão muito bem.

A literatura na maneira de fazer o Jornalismo literário

Tudo depende de como você vê o mundo, é uma construção do saber, do falar e do observar. O Jornalismo literário lê as pessoas e as descreve com um olhar mais intenso e profundo. São as experiências, as relações, as viagens, os livros que lemos,

os amigos que fazemos, as músicas que escutamos; o que determina a maneira como você escreve é uma soma de estudo a partir do olhar que temos sobre as pessoas e o mundo. “A minha preocupação em lidar com assuntos ligados à direitos sociais, à direitos humanos, não é exatamente uma decorrência da minha relação com a literatura, mas é uma postura, uma escolha a partir de determinadas convicções que eu tenho, então você escolhe isso. Eu escolhi fazer um tipo de jornalismo porque eu não consigo fazer outro tipo.” Marcelo não consegue achar normal olhar para o lado e ficar impassivo diante das muitas situações absurdas, para ele aquilo determina o assunto proposto. Ele ainda diz que não dá para separar o cidadão do jornalismo, pois os assuntos que o interessam como jornalista, são os assuntos que o interessam como cidadão. A maneira como é contada, a forma que é dada, a embalagem que é feita dessa preocupação, tem uma influência do tipo de leitura que ele fez ao longo da vida.

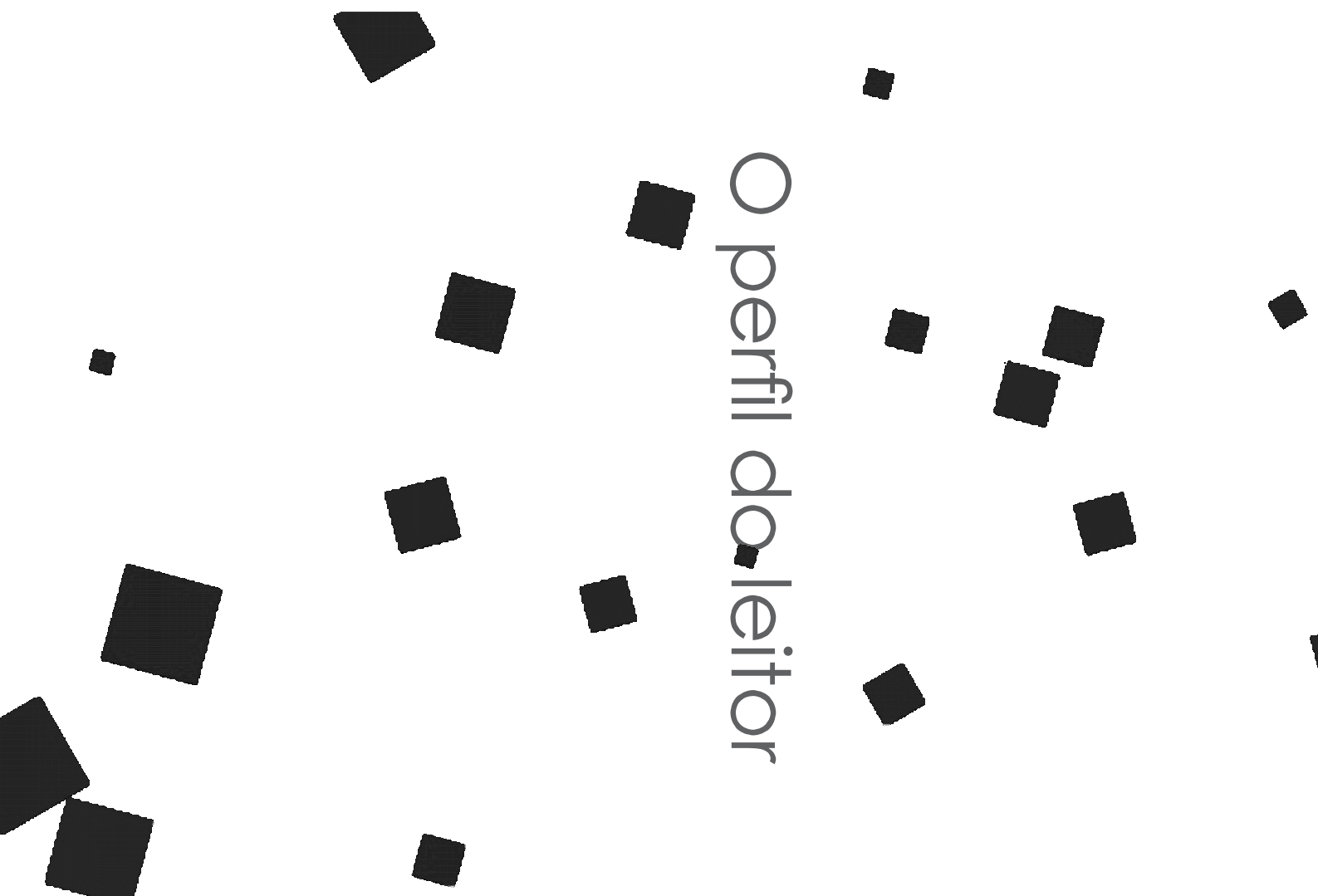
Marcelo diz que o que mais ajudou na construção dos seus textos literários foram as grandes e importantes leituras que fez durante a vida e ainda faz. Cita, com todo prazer a ética do marceneiro do Cláudio Abrão, e também os grandes poetas brasileiros, como Mário Quintana, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade e um escritor que o influenciou completamente, Ruben Braga, o maior de todos os cronistas, o escritor que teve permanência na literatura brasileira escrevendo apenas crônicas. Além dos grandes escritores, ele também fala das composições que relatam o cotidiano e que o ajudam na construção dos seus textos, “Chico Buarque me influencia, acho que eu tive a poética dele, as letras também, eu acho que tive uma certa influência...” Foi o olhar do Chico sobre a vida das pessoas comuns que fez com que Marcelo o admirasse, ele tem um pouco do olhar de cronista também.

Mas porque a literatura é tão importante? Porque ela desperta a sensibilidade do ser humano, é a fala da vida, do mundo, da alma, é um acontecimento e tem o poder de mudar e de transformar a vida das pessoas. É através dela que a sociedade se auto conhece, se auto constrói, e tudo isso sem precisar sair do lugar, usando apenas

a imaginação. Pois é no imaginário que construímos pontes inabaláveis, é apenas no subconsciente que ninguém, além de você, pode modificar o seu mundo.

A literatura, de certa forma, aproxima estranhos e diferentes, um autor a diversos leitores. É uma história de vida sendo reconhecida por outras vidas que também tem uma história de vida para compartilhar. É assim que descobrimos que a leitura abre uma extensão de janelas, onde você pode habitar onde quiser, e pode chamar quem quiser para morar junto com você. E isso também é aplicado no jornalismo literário.

O perfil do leitor



Monalisa Peixoto

Ela não vem de tão longe. Vem de logo ali do Rio Grande do Norte com seus cabelos ao vento e um sorriso no rosto. Vem com os olhos atentos procurando explicação para tudo o que vê. É destemida e pragmática, gosta de saber das coisas, quer explicação até para o vento que sopra. É imagem. É semelhança. É espelho. Ela é o que vive, e ela vive o que lê.

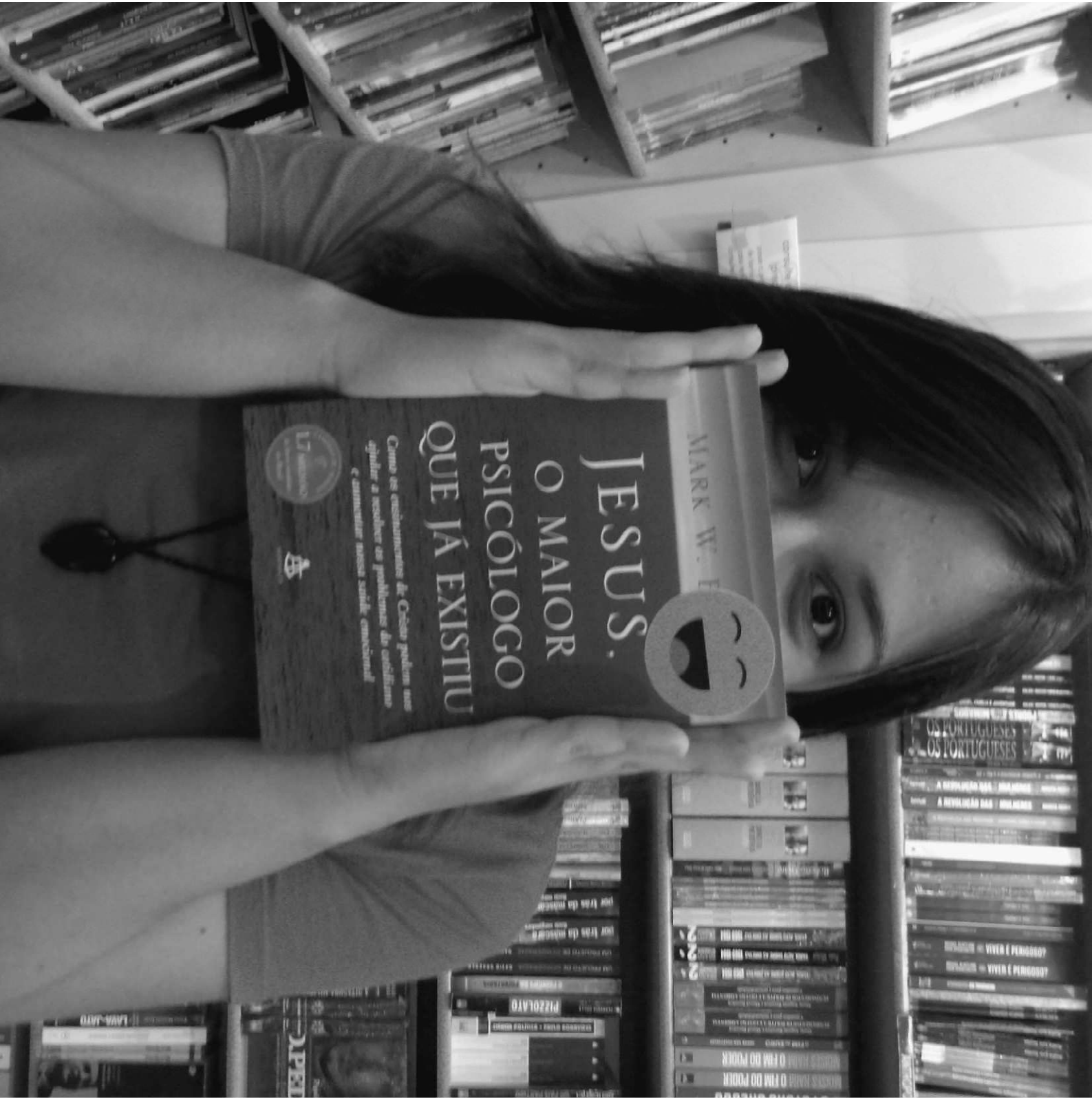
Foi cedo que Monalisa se encantou pelas palavras. Como a sua mãe, dona Simone Peixoto, teve outra filha quando ela era menor e não tinha muito tempo para dar atenção as duas, matriculou Monalisa numa creche com apenas dois anos. Foi onde tudo começou. Era dos gibis que ela mais gostava. Não sabia ler, mas amava aquele colorido coberto de letinhas pequenas. Só um ano depois começou a gaguejar algumas palavras simples “A partir daí, comecei a ler tudo que via pela frente, desde outdoors, rótulos de produtos, fichas nutricionais de alimentos e até mesmo bulas de remédios. Desde então, nunca perdi o contato com a leitura,” diz Monalisa, sorrindo orgulhosa.

Ela é assim, toda orgulhosa mesmo, de quem é, de quem se tornou e de quem um dia será. Tornou-se independente ainda quando queria o colo dos pais para lhe acalmar. Passou no vestibular para Psicologia na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG e mudou-se para a cidade de Campina Grande, na Paraíba. São só alguns quilômetros de distância, ela sabe, mas não ter a família por perto a deixou um pouco mais forte e mais solitária também. Ela mostra firmeza, felicidade, alegria no olhar, você precisa ver. É contagiante. Mas quando está em casa, sozinha, ela sente falta da risada da família, do abraço dos pais, e das conversas com a irmã Larissa Peixoto, a mais nova, com 17 anos.

E foi com a Cinderela, um livrinho de apenas oito páginas e cheio de imagens que Monalisa pôde ter sua primeira leitura completa de um livro, da qual ela guarda até hoje. “Nunca fui muito fã de princesas e histórias fantásticas. Apesar de não ter lido histórias para as filhas, minha mãe sempre incentivou a leitura em casa comprando livrinhos e histórias de colorir para mim e minha irmã,” completa. Depois dos contos de fadas, ela começou a ler as coleções de histórias da Bíblia ilustrada. Foi na Escola Dominical da sua igreja que ela foi incentivada a continuar com as leituras, depois disso ela se viu amando cada palavrinha que continha naqueles livrinhos cheios de sonhos.

Ela é uma eterna apaixonada por palavras e diz que é difícil encontrar alguém que gosta de ler e não tem o mesmo gosto pela escrita. Guarda todos os seus textos numa caixinha, desde o primeiro, e está separando os melhores contos, crônicas e poesias que já escreveu ao longo de nove anos para colocá-los todos em um livro que pretende lançar. À propósito, ela já sabe até a cor da capa: verde água. A sua cor preferida. A leitura fez de Monalisa uma pessoa com os pés no chão, mas com a cabeça nas nuvens. Sonhadora.

E foi assim, dos três aos onze anos, que ela mesclou leituras bíblicas, livros infantis, gibis e poesia, não gostando tanto assim da última. Dos doze aos quatorze ela lia mais livros paradidáticos, mas não deixava de ler seus contos, e foi nessa época adolescente que ela descobriu a literatura infanto-juvenil lendo “Poderosa”, do Sérgio Klein, um livro que falava de assuntos que todo jovem nessa idade passa, o que a fez ler quase toda a coleção, deixando apenas o 5º por terminar. “Sempre tive os livros como fonte segura de informação. Era pra onde eu recorria quando tinha dúvida sobre algum assunto. Lembro que no início da adolescência eu tinha curiosidade sobre as mudanças hormonais da fase (porque muitas pessoas comentavam), mas como na minha família não se falava (e ainda não se fala) sobre educação sexual, relacionamentos ou coisas do tipo, adivinha onde eu fui descobrir? Exatamente, nos livros! Todas as minhas inseguranças eram sanadas nas páginas de livros, enciclopédias e revistas. Acho que isso forjou em mim a autonomia. E como dizem por aí, conhecimento é poder,” finaliza.



MARK W. E.

JESUS, O MAIOR PSICÓLOGO QUE JÁ EXISTIU

Como os ensinamentos de Cristo podem nos ajudar a resolver os problemas da vida e a alcançar nossa saúde emocional?



OS PORTUGUESES
OS PORTUGUESES

REVOLUÇÃO - VIVER É PERIGOSO?
REVOLUÇÃO - VIVER É PERIGOSO?

PIZZOLATO

LAMA-JATO

ALPES

Ela estava tentando descobrir em que profissão se encaixava e foi então que começou a ler “Freud para Iniciantes”, de Richard Osborne, e mais alguns livros relacionados à filosofia e à sociologia. Acho que quase nenhum adolescente optaria por ler assuntos tão complexos, mas Monalisa é o tipo de pessoa que gosta de descobrir o mundo através da leitura, e foi nessa fase da vida que ela se viu uma menina um pouco rebelde, o que não deixou seus pais muito felizes, mas como ela mesma disse: “Isso faz parte da minha história”, e se faz parte, não tem como mudar. Aos dezesseis anos ela se encantou pela poesia, aquela mesma que ela desprezou no começo de tudo. O Carlos Drummond de Andrade e o Fernando Pessoa fizeram com que ela mudasse de ideia, assim como outros grandes nomes da literatura brasileira. Ela se rendeu a esse amor que é escrito, vivido e sentido na poesia. E não parando por aí, ela ainda encontrou espaço para a mitologia grega lendo a saga completa de Percy Jackson e os Olimpianos, do Rick Riordan. “Mesmo não sendo um dos meus gêneros preferidos, o tema mitologia grega me envolveu bastante,” completa, com um brilho no olhar, e é um brilho que transmite verdade.

Monalisa é grande em estatura e em conhecimento, nunca para, é sábia e competente, carrega consigo a alegria do céu e contagia o mundo com o que ela tem de melhor: o amor de Cristo. É uma moça cristã e faz questão que saibam disso. Como já havia dito, ela é orgulhosa, mas não o orgulhosa insolente, mas o orgulhosa de ser quem ela é, e ela é assim, toda felicidade. A espiritualidade também é um dos temas que mais chamam a sua atenção. Autores como Kenneth E. Hagin; Benny Hinn; Jenna Lucado e Stormie Omartian fizeram com que Monalisa descobrisse um mundo paralelo ao que vivemos. Era o céu na terra, literalmente falando.

Ela não tem um gênero preferido, mas tem uma certeza: a leitura tem a capacidade de transformar a escrita e a oratória das pessoas, mas tudo requer uma prática, e foi na poesia falada e escrita que ela se descobriu uma escritora e declamadora de poemas. “Com 16 anos decidi criar um Tumblr e expor alguns textos que eu escrevia a pedido de umas amigas. Entre assiduidades e hiatos, ainda atualizo de vez em quando.” Para quem não tinha o menor apreço pela poesia, Monalisa está se saindo uma ótima poetisa.

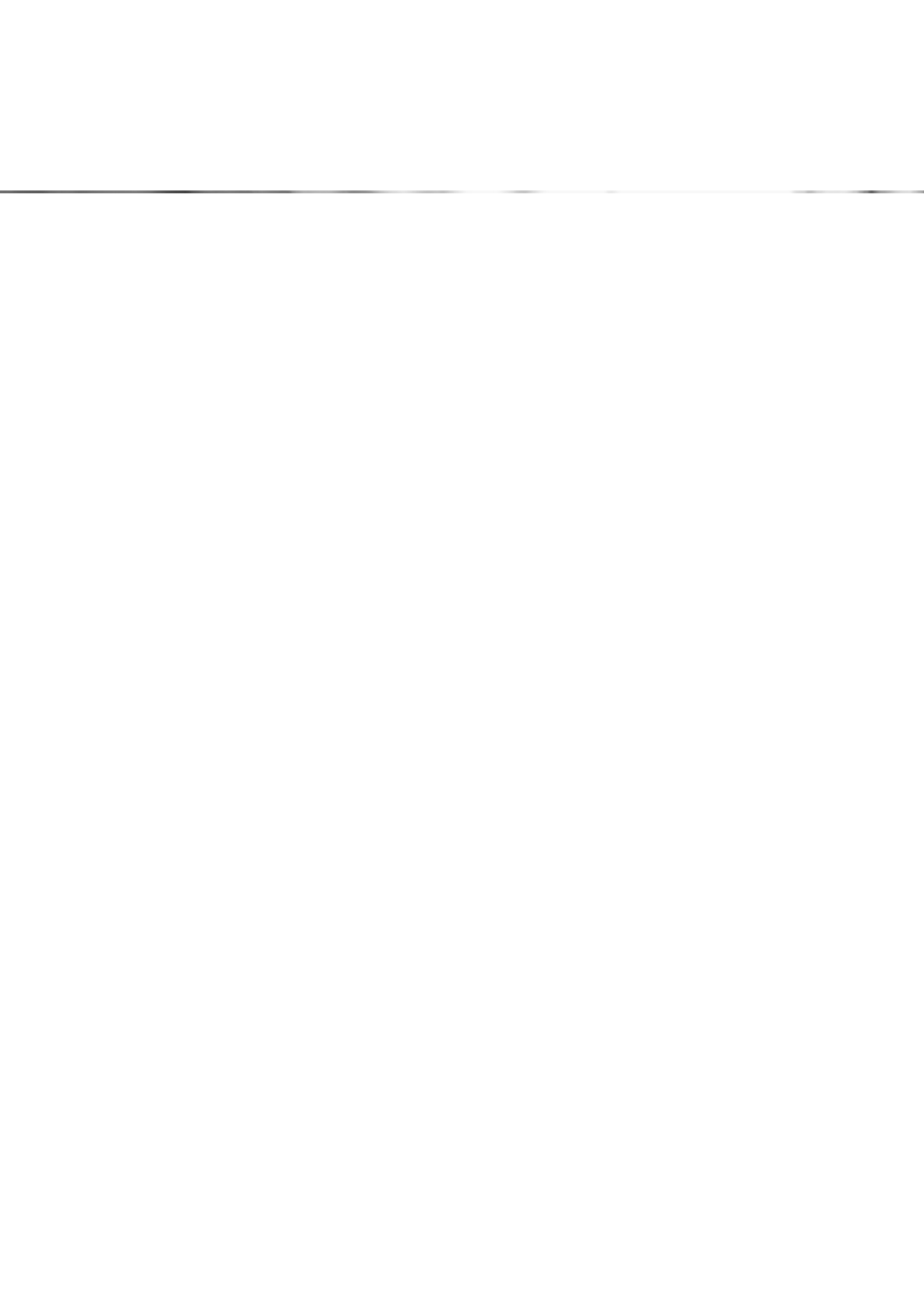
Rodeada por livros, é assim que ela vive. Não se sabe ao certo quantos ler por ano, mas sabe que, depois que passou para Psicologia tudo ficou mais intenso, tanto as leituras como os autores. As de interesse pessoal foram ficando de lado e dando espaço à Marx, Durkheim, Weber, Foucault, Freud, Lacan, Rogers, Perls, Freire. Mas quando encontra um tempinho, ela se derrama nas crônicas da Martha Medeiros e na sabedoria do Kenneth E. Hagin.

Ser feliz com muito pouco, apenas fechando os olhos e sonhando. É assim que os leitores viajam, em cada livro eles encontram uma aventura diferente. Deve ser divertido ir a diversos lugares sem se quer levantar da cama, ou, no caso da Monalisa, sem se levantar da cadeira, já que ela não costuma ler em casa, “como eu sou uma pessoa que não se concentra muito quando está em casa, prefiro estudar e ler fora.” Entre uma aula e outra ela encontra espaço para ler, lá no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - CCBS -, às vezes no ônibus, quando o tempo está esgotado ou até mesmo nas filas de banco, supermercado e afins, e quando sobra tempo, vai na Biblioteca Municipal. Ela acredita que os livros são importantes para compor uma formação profissional completa e um crescimento espiritual eficaz. “Por ter a consciência de que o conhecimento e a inteligência são construídos, sempre carrego algum livro na bolsa, para qualquer oportunidade de tempo, preencher lendo. ”

“Este é um perfil que vai sendo edificado dia após dia, livro após livro. Não com a finalidade de construir um muro, mas sim várias pontes que me levem a pessoas, experiências e lugares que potencializem a minha existência. Pretendo continuar lendo até onde meus olhos aguentarem. Se os olhos falharem, usarei óculos. Se os óculos não servirem mais, usarei lupas. Se as lupas não servirem mais, me restará a imaginação, e esta, graças a Deus, não têm limitações.”







Jean Anderson Galvão

Os olhos são verdes, mas ele consegue enxergar tudo da cor do amor. Jean Anderson tem 24 anos, é cristão e apaixonado por livros. Tudo começou ali, quando pegou o box *Análise da inteligência de Cristo*, do Augusto Cury, emprestado da sua irmã do meio, Camila, para ler. Foi com o livro *O Mestre do amor* que ele começou o seu fascínio pela leitura. “Gostei muito da forma que o autor discorria sobre Cristo, um ponto de vista humano e muito realista.” Aqueles livros de auto-ajuda acabaram levando Jean Anderson a perceber que a sua vida estava melhorando, passou de um rapaz explosivo, para um jovem que, agora se cala e se torna amigo da paciência. Quem o vê hoje não consegue enxergá-lo como um homem rebelde. Ele exala calma, o seu olhar revela isso.

Com os seus mais de cento e sessenta livros lidos, Jean Anderson, no começo, lia todo tipo de literatura, fosse nacional ou não. Mas hoje ele dedica o seu tempo para leituras espirituais e cita os autores mais lidos, C. S. Lewis, Kenneth E. Hagin e Phillip Yancey. Existem outros, claro, mas a maioria das suas leituras do universo cristão tem o nome desses grandes homens.

É uma alegria quando adquirir um novo livro, os olhos brilham e o sorriso transmite verdade. Carrega com todo gosto eles nos braços, nem liga se está pesado ou não, o que importa é que ao chegar em casa ele vai deitar na cama e ler todos, não de uma só vez, mas talvez todos no mesmo dia. Faz anotações, grifa pra cá, gri-

fa pra lá, os livros de Jeanderson tem cores, literalmente falando. Uns são meio verdes, outros meio laranjas e alguns amarelos, é por isso que ele gosta dos livros físicos. Às vezes, raramente, ele lê no computador “Não gosto de ler em plataformas como tablet, celular ou notebook, leio, mas não me apraz, minha paixão fica por conta dos livros físicos,” revela o jovem leitor.

Hoje os livros carregam um poder sobre minha vida, mas nenhum igual à Bíblia, não a leio esporadicamente, mas diariamente a tenho como o meu manual último de vida.

**Esse é o meu principal livro de estudo e meditação.
(Jeanderson Galvão)**



O piquenique literário de Ana e Jeanderson

Jeanderson tem uma melhor amiga, que há quase um tornou-se sua namorada, Ana Syntia, doce e delicada, e eles dividem juntos um momento de leitura por mês, eles titularam de piquenique literário. Mas antes do nome surgir, eles já faziam esses encontros, sempre com livros e muito amor. O nome surgiu espontaneamente e virou o programa efetivo do casal.

Eles se conhecem a quase dois anos, e antes de começarem a namorar, eles já tinham muito em comum, além da oração, que sempre foi suporte para a vida de ambos, a leitura era como um imã que os ligavam, e eles sabiam que era para sempre. “Os livros sempre fizeram nossos olhos brilharem, não tínhamos a prática de ler juntos quando éramos apenas amigos, mas compartilhávamos tudo o que liamos.” E então juntaram o útil ao agradável, e não poderiam ter escolhido melhor lugar



para os encontros mensais. É uma mistura de natureza, ar puro, sombra, vento, sol, barulho, silêncio, companhia e livros. O Parque da Criança em Campina Grande é o palco desse duplo amor.

Eles sempre leem livros de conteúdo religioso, Ana com os temas que sempre levam à liderança, e o Jeanderson com seus autores favoritos. No meio da leitura eles sempre param pra fazer alguma observação de um trecho do livro, comentam, conversam, sorriem, comem, observam e depois voltam à leitura. Às vezes se pegam meditando no que leem, são edificadas e acrescentados em sabedoria. Segundo Jeanderson, essa é uma forma diferente de se aprender mais um do outro. Um jeito diferente e divertido, diga-se de passagem.

E, por fim, eles guardam os livros, a cestinha com comida, dobram a toalha e vão embora de mãos dadas, sorrindo. Parecem que saíram de um conto de fadas, mas foi só de uma manhã cheia de amor, boa companhia e alguns bons livros. Algumas pessoas são felizes com pouco. Imagina se todos fossem felizes assim? Os outros eu não sei, mas eles são, e nem precisam dizer, a alegria que eles carregam no sorriso e no coração, revelam.

Somos amantes da leitura, e isso nos faz melhores, inclusive um para o outro, visto que ele vê a leitura da mesma forma que eu. Como tijolos que constroem estruturas invisíveis dentro de nós.
(Ana Snytia)





Como você pode ser orientado pelo Espírito de Deus

Em uma visão, há muitos anos, o Senhor falou com Kenneth E. Hagin respeito de ensinar Seu povo a ser orientado pelo Espírito de Deus. Em anos recentes, o Senhor tem despertado o Rev. Hagin a ensinar cada vez mais sobre o assunto, e este livro, muito bem aceito, faz parte deste despertar.

Os filhos de Deus podem esperar que sejam guiados pelo Espírito de Deus escreve o Rev. Hagin. Muitas vezes, no entanto, procuramos orientação por outros meios que não são os declarados por Deus. Quando assim fazemos incorremos em problemas.

Este livro já tem ajudado muitos no Corpo de Cristo a serem orientados pelo Espírito. Note, o Rev. Hagin orienta os cristãos, passo a passo, por meio das Escrituras, a evitarem as armadilhas espirituais, e ajudá-los a seguir em Espírito de Deus em todas as áreas da vida. Dentre os assuntos discutidos estão:

- Como viver no nível do espírito
- O testemunho interior como o primeiro caminho das orientações de Deus
- Como seguir o testemunho interior
- Sentimentos – a voz do corpo

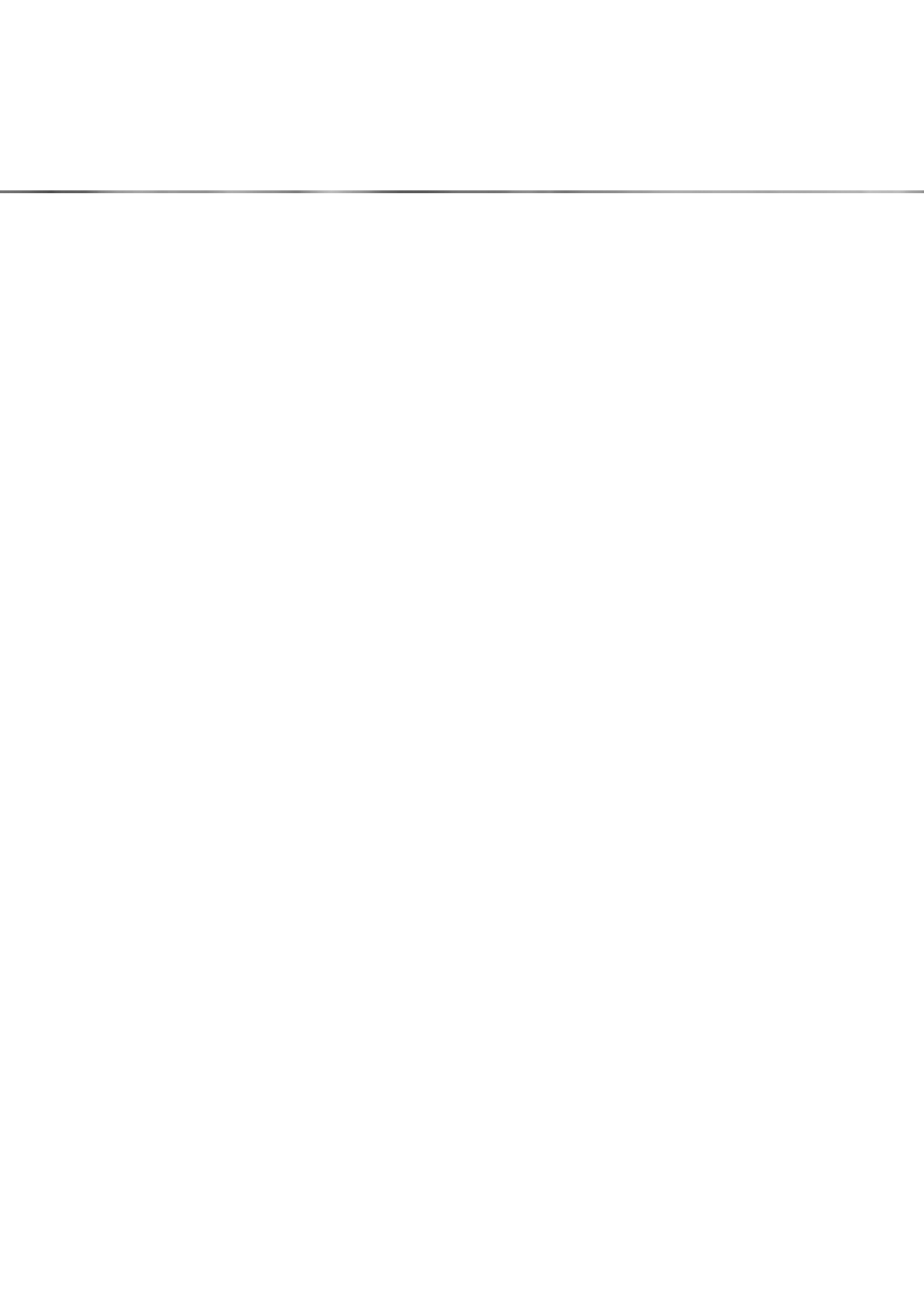


KENNETH E. HAGIN

Como ser dirigido pelo

Espírito *de* Deus

Como ser dirigido pelo Espírito de Deus



Ana Syntia

“Eu preciso marcar as pessoas com umas das minhas melhores marcas: o amor pela leitura.” É como querer mudar o mundo, Ana Syntia gosta de desafios e não se importa com o que vão pensar se não conseguir. E quando chega a noite e ela olha para o dia que teve, sorri, se joga na cama e diz: “Amanhã será um novo dia e eu vou fazer melhor do que hoje”. Todos os dias ela diz isso, e é por essa persistência em ser melhor e fazer o outro melhor que ela realmente é. Há uma excelência em tudo o que ela faz e se determina a fazer.

Foi assim com a leitura, quando estudava o fundamental I os alunos só podiam sair da sala depois que lessem um texto, qualquer texto, alguns na sala ficavam agitados, inquietos, mas Ana, não. Ela amava aquele momento, era tão importante tocar as palavras, sentir o gosto delas em sua boca e dar vida a uma história. Quando, aos nove anos, começou a fazer catecismo, ela ganhou um livrinho vermelho chamado *A história de Jesus*, que contava todas as parábolas da Bíblia de forma simples. “Eu lia para poder ter o que falar na hora que a professora começasse a nos perguntar. Não que eu quisesse estar na frente dos outros, eu só queria ter o que falar.” Aos onze anos Ana ganhou a primeira Bíblia, e a sua leitura começou com os evangelhos, ela queria conhecer mais da história de Jesus, e foi então que se viu completamente apaixonada pelos livros, pela Bíblia, por toda a história que dava sentido à vida.

Era ela quem ficava com o trabalho ‘pesado’ quando a professora formava grupos e os mandavam ler, era Ana quem lia todo o livro, mas não reclamava “Não me arrependo, eu sei o que ficou como herança desses dias.” Agora, já adulta, Ana vem desenvolvendo melhor esse hábito. Quando ganhou o livro *Jesus o maior líder que já existiu* redescobriu que não poderia parar, aquilo era como um combustível, sem a leitura não dava para continuar. E não existe isso de espaço, para ela qualquer lugar está bom para ler, seja de pé no ônibus com uma mão segurando o livro e a outra se apoiando para não cair em alguma curva, seja nas filas de bancos, padarias e afins, seja andando ou até pulando - pra não cair no sono -, mas a melhor hora para ela ler é nas madrugadas, com o silêncio da noite ou com as melodias das canções para acompanhar. Ela não é apegada a autores, mas sim por títulos, como: liderança, gestão de pessoas, administração, vida espiritual, caráter , tudo sobre Jesus e os grandes homens que vieram antes e depois dele.

E apesar de apreciar todas esse temas, ela não abre mão da Bíblia. Esse, sim, é o seu livro predileto, seguidos de alguns que marcaram a vida dela profundamente, como *Como ser dirigido pelo Espírito de Deus* de Kenneth E. Hagin, *Bem vindo Espírito Santo* de Benn Hinn , e *Paixão por sua presença* de Jonh Bevere.

“A leitura é algo muito sério, ela traça rotas dentro de mim”. É como ser orientado por alguém sobre determinado lugar que devemos ir, caso não sigamos as orientações corretas, podemos nos perder. Com a leitura não é diferente, ela nos muda por dentro, cria caminhos que jamais pensamos trilhar, nos orienta e nos ensina o melhor caminho a seguir: o da sabedoria.

O nome dela é Ana Syntia Nobrega Santos, tem 26 anos, é graduada na Escola de Ministros Rhema Brasil, e está se preparando para algo maior em sua vida. Mora com a dona Maria Selma da Nóbrega, sua mãe, e meu o seu Antonio Sonaldo da Nobrega, seu pai, na Liberdade. Tem 4 irmãos e duas sobrinha lindas a qual ela influencia de perto a leitura. Sempre que dá, Ana presenteia Beatriz, sua sobrinha mais velha, com livros e pretende fazer o mesmo com a Nicole, a irmãzinha mais nova da Beatriz. E dá mesma forma que ela começou, ela termina. “Eu preciso mar-

car as pessoas com umas das minhas melhores marcas: o amor pela leitura.” Ana é persistente, hoje ela vai chegar em casa, deitar na cama e dizer que amanhã tentará novamente. Porque para ela os dias foram feitos para não desistir. E enquanto houver dias, haverá chances e esperança para os sonhos se realizarem.







Natan Rufino

Natan Rufino é natural de Fortaleza, Ceará, mas reside atualmente em Campina Grande na Paraíba. É cristão e escritor, já tem cinco livros publicados e todos são de caráter bíblico. Em seus 43 anos de vida, Natan começou a tomar gosto pela leitura quando ainda era adolescente e lia os livros paradidáticos que a escola onde ele estudava exigia no intuito de desenvolver o capacidade intelectual dos alunos.

Ele ainda lembra dos livros que lia na escola e cita alguns, como *O Caso da Borboleta Atría*, *Poliana Moça*, *Tonico*, *Éramos Seis*, *Grande sertão Veredas*, *A Ilha do Tesouro*, *A Mina de Ouro*, *Memórias de um Sargento de Milícias*, *Robinson Crusoe*, entre outros. Mas nem tudo foi tão fácil na vida de Natan, depois do 8º ano da escola ele se envolveu com as drogas, e não bastando isso, ele também teve um surto psicótico que o levou à loucura.

Um livro, que para muitos seria inofensivo, para Natan quase lhe custou a vida. Bem sabemos que quando estamos lendo, nos deixamos envolver com a história, às vezes até nos sentimos parte dela, foi o que aconteceu com ele. Ao ler o livro Hindu escrito em sânscrito e traduzido para o português por Roviralta Borrel, chamado *Bhagavad Gita*, que Natan começou a apresentar sinais de esquizofrenia. Este livro ensina práticas religiosas da Índia, e ele, sem saber onde aquilo iria lhe levar, tornou-se devoto do texto sagrado. Natan passou quase um mês internado em um manicômio e um ano tomando remédios controlados, quando, enfim, se viu livre de toda aquela loucura.

Mas nem mesmo o estado anterior de Natan o fez desgostar da leitura. Quando já estava plenamente curado, voltou a ler, mas dessa vez pegou um pouco mais leve com os livros que se apegava. Além de livros, ele também passou a ler bulas de remédios, manuais de equipamentos eletrônicos, enciclopédias e dicionários. Mas a leitura que Natan mais se apegou nesse tempo foi a da Bíblia, ele havia se tornado devoto dela agora. Leu, em média, 15 vezes o Novo Testamento, sem contar na amplitude de leitura, se expandindo também na língua inglesa, e tudo isso embaixo de um poste que ficava em frente a garagem da sua casa. Só tinha uma explicação para tudo isso: Natan não sabia mais viver sem as palavras.

Dentre os muitos autores já lidos por Natan, ele cita o Kenneth Erwin Hagin e Tommy Lee Osborn, ambos escritores cristãos que lhe influenciaram e influenciaram até hoje. Ele também fala dos livros que se tornaram marcos no seu processo de aquisição de conhecimento, que foram *Crítica Textual do Novo Testamento*, de Wilson Paroschi e *Mideast Beast* de Joel Richardson. O primeiro traz informações científicas sobre a formação do texto do Novo Testamento e o segundo é uma abordagem não tradicional sobre as profecias dos profetas hebreus a respeito do último inimigo do povo judeu, também conhecido na terminologia do Novo Testamento como “Anticristo”.

O filho de dona Rosa Maria da Silva Rufino e do seu João Rufino Filho Bezerra, tem mania de leitura. Ele ler, em média, 100 livros por ano, é um número grande para quem quase morreu por causa de um livro. Natan conta que sempre lê com as canetas lhe fazendo companhia, uma azul, uma vermelha e um marca texto. Cada cor representa um tipo diferente de anotação. Organização é tudo. E é no seu escritório particular, na sua casa, que ele passa a maior parte do tempo lendo e anotando, a caneta vermelha se destina a marcações e anotações de partes das quais ele discorda. E não se limita aos livros físicos “Se o livro é digital, faço as marcações com os recursos oferecidos pelo software utilizado e acrescento notas e comentários positivos ou negativos da mesma forma.”

E é sem dúvida que a leitura inteligente de qualquer texto influencia diretamente a desenvoltura de qualquer pessoa em relação à sua própria capacidade de se expressar e escrever. A “leitura inteligente” é o interesse no sentido do texto, procu-

rando o significado das palavras desconhecidas e não permitindo a mente divagar em meio a outras ideias não relacionadas ao próprio texto do livro. Com tanto gosto assim pela leitura, Natan não poderia deixar de ser quem é hoje: um escritor por natureza e amor.





MACHADO DE ASSIS

Ayranne Garcia

Com um livro de bolso na mão ela chega cheia de timidez e com um sorriso no canto da boca, se senta e começa a falar quem ela é. Ayranne Garcia, 21 anos, Pa-raibana, filha de seu Arnobio Alves Garcia e dona Maria José da Silva, estudante de direito e amante da leitura. Foi ainda criança que ela começou a se interessar pelas palavras, foram os grandes clássicos da literatura brasileira que a deixaram assim, querendo sempre mais a cada termino de livro. Aos dez anos pegou a livro “Dom Casmurro” do Machado de Assis, para ler e acabou não entendendo nada, mas ela adorava a forma como o autor escreveu o livro, a linguagem rebuscada deixava Ayranne encantada, e a história de Bentinho e Capitu a prende até hoje.

Onde estudava, ela já era conhecida das bibliotecárias. Todos os dias Ayranne ia visitar a biblioteca, talvez elas tivessem uma certa admiração vendo uma criança com tanto prazer pela leitura. Mas ela era assim, enquanto as amigas gastavam tempo brincando de boneca, ela ganhava tempo perdida nos livros. Estabeleceu uma meta de ler todos os livros de romance, crônicas e poesia da biblioteca da escola em que estudava, e aos 15 anos Ayranne já havia lido grandes nomes da literatura brasileira, como: Machado de Assis, José de Alencar, José Guimarães Rosa, Manuel Antônio de Almeida, Clarice Lispector, Jorge Amado etc. Um gosto peculiar para a literatura, uma eterna amante dos romances brasileiros. Mas foi quando completou 20 anos que ela conheceu a fundo as obras do Jorge Amado, Castro Alves, Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos e muitos outros, “Eu me con-

sidero uma grande admiradora da literatura nacional”, ela fala com orgulho estam-pado no rosto e no sorriso.

A gente percebe a intelectualidade na vida dela. Ela exala literatura, tem cheiro de poesia e um sorriso que diz: “Ei, deixa eu te recitar em um poema”. Ela cresceu assim, com todo esse amor dentro de si. Alimentou a fome pelo saber saboreando tudo o que, visualmente, tinha um gosto bom, mas que, quando provou, percebeu que a beleza não era apenas exterior. Foi então que ela se apaixonou. Ayranne res-salta Machado de Assis como o seu autor favorito, foi ele e seus livros que a ajudaram a moldar a sua personalidade, mas não deixa passar que o Fernando Pessoa (e seus tantos heterônimos) e Augusto dos Anjos são autores que ela buscar ler todos os dias, “são todos gênios. ”

Desde criança que o local favorito dela para ler é a biblioteca, não mudou muita coisa hoje. As vezes ela também lê no sossego do seu quarto, ou até mesmo no ônibus para ganhar tempo ou quando não consegue desgrudar do livro, e ao ar livre, no meio da natureza e das árvores do Parque da Criança, um dos locais preferidos dela, depois da biblioteca. E para ela é meio difícil dizer quantos livros já leu, mas sabe que foram muitos, já que lê, em média, 50 livros por ano. E todo esse processo de leitura a ajudou muito, principalmente quando começou a estudar Direito, já que o curso exige muita leitura. E os livros são ótimas oportunidades para se abrir a mente e de conhecer novos universos. “Nunca se começa e se terminar um livro do mesmo jeito, pelo menos eu não, todos os livros que li me mudaram de alguma forma. E com certeza eu seria uma pessoa diferente se não tivesse toda essa carga de leitura. Tenho muito para ler ainda!” Ela até lê em dispositivos móveis pelo excesso de ‘bagagem’, decidiu comprar um tablet para carregar o vade mecum nele, seria menos peso para as suas costas, e, para ela, tem algumas vantagens, como poder ler deitada, ler no escuro, a leveza etc, mas ela completa “podem me chamar de arcaica, mas não troco um livro físico por nenhum dispositivo móvel”, e sorri.

O amor pelo que lê se tornou tão grande, que Ayranne, não obstante só em ficar quieta num canto qualquer com os seus livros, criou um grupo para apreciadores de poesia e poemas, o Noli me Tangere, que significa “Não me toques”. O nome tem um significado histórico, foi uma frase usada por Jesus à Maria Madalena quando

ela o reconheceu após a sua ressurreição. Na arte há também representações dessa frase, como exemplo, Pablo Picasso se inspirou no *Noli me tangere* de Correggio, que está no Museu do Prado, para sua famosa obra *La Vie*, e, ainda tem mais, Augusto dos Anjos escreveu algo lindo e colocou como título essa frase.

Noli me tangere

**A exaltação emocional do Gozo,
O Amor, a Glória, a Ciência, a Arte e a Beleza
Servem de combustíveis à ira acesa
Das tempestades do meu ser nervoso!**

**Eu sou, por conseqüência um ser monstruoso!
Em minha arca encefálica indefesa
Choram as forças más da Natureza
Sem possibilidades de repouso!**

**Agregados anômalos malditos
Despedaçam-se, mordem-se, dão gritos
Nas minhas camas cerebrais funéreas...**

**Ai! Não toqueis em minhas faces verdes,
Sob pena, homens felizes, de sofrerdes
A sensação de todas as misérias!**

O grupo é composto por jovens leitores que vão em busca de algo mais profundo. Eles se reúnem em finais de semana para declamar poesia de grandes nomes do clássico da literatura, como: Augusto dos anjos, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Machado de Assis, entre tantos outros. Cada poema e poesia é uma contextual-

lização de alguma lembrança ou pensamento. Não é de qualquer jeito, escolhe uma poesia e pronto, há algo por trás, eles já viveram cada poema declamado em algum momento das suas vidas, eles já sentiram cada palavra proferida por eles mesmos, já sentiram o sabor e o amargo que algumas delas causam quando aplicadas na vida.

O Grupo é destinado à instigação dos que já costumam declamar e proporcionar apoio aos que são mais tímidos a declamarem, no entanto, quem preferir ser ouvinte, também será bem-vindo. Eles fazem encontros mensais em diversos locais da cidade com o intuito de contribuir com a vida das pessoas que são corrompidas pela mesmice dos dias. “Escolhi poemas e poesias para deixar o dia mais bonito e por pensar que nossa maior arma nessa “pós modernidade” é a fala, a mensagem.”

Essa é Ayranne Garcia e seus vinte e um anos de puro amor pela vida, pela poesia, pela leitura e por tudo que dá sentido à vida.









Júnior Chaves

Júnior é um daqueles jovens revolucionários. Sabe aqueles que querem e acham que podem mudar o mundo de alguma maneira? Então, ele é um desses, e se você olhar bem para ele, vai enxergar um monte de verdades e vontade. Ele tem, além do querer a vontade de fazer, e ele faz.

Ele nem sempre foi chegado a leitura. Quando fazia o ensino médio mal lia os materiais que os professores mandavam, mas de alguma forma, em algum momento da vida, ele se viu envolto de livros e sem saber como sair deles, e não queria que eles, os livros, também saíssem de si.

Ele mergulho com intensidade na leitura quando disse sim a Jesus. A sua vida cristã o ajudou a se aprofundar nesse mar sem fim. Ele passava tanto tempo com os livros que, muitas vezes, era preciso os seus pais, seu Eraldo e a dona Lúcia, o chamarem para comer. Júnior havia descoberto uma maneira melhor de matar a fome, mas do conhecimento. E ele é assim até hoje.

Se você parar para olhar para ele, você verá um jovem convicto. Ele não precisa falar para dizer quem é, você me entende? Ele é o que vive. A sua veia de leitura é a oração. Um dos livros que ele mais ler é a 'Arte da intercessão', mas também deposita tempo em livros como 'Planos propósitos e Práticas' e 'O extraordinário crescimento da fé', todos o escritor Kenneth Hagin. E para ele não importa muito onde esteja, seja na universidade, em casa, e até mesmo no ônibus... Ele sempre vai encontrar um espaço de tempo para se dedicar a leitura.



A ousadia também faz parte da vida de Júnior Chaves, um jovem de apenas 22 anos, mas que vê possibilidades onde todos veem o contrário. “Gosto tanto da leitura que hoje me atrevo a tentar traduzir conteúdos cristãos internacionais.” Não é apenas ler um livro, mas viver aquilo. Júnior leva a leitura muito a sério, tanto que pretende lançar vários livros com o intuito de afetar diretamente o leitor. “A influência da leitura tem afetado minha vida de uma forma intensa, causando o desejo em mim de escrever meus próprios livros.”

Hoje é comum vermos jovens escritores sendo lançados no mercado. E é comum também ver esses mesmos jovens contando as mesmas histórias. O que falta é alguém que conte algo diferente, que atinja, constranja e faça a sociedade, ao ler, se sentir culpada por não fazer algo. Acho que é isso que Júnior quer passar nos seus livros. Ele ainda não lançou nenhum, mas se os livros que ele escrever forem iguais à vida que ele leva, então eu ficarei satisfeita em saber que muitos vão se constranger ao ler.

Esse é Júnior Chaves, o jovem que pretende revolucionar o mundo através da leitura, e eu acredito que ele irá.





Aj. Filho

Livros, canecas, Homem Aranha, series, histórias em quadrinho, comida, amigos, risadas, papel e caneta, alguns desses itens o descrevem muito bem. Um dia ele chegou para alguém e disse: “não acredito que você existe, é bonita e é leitora. É muita coisa pra uma pessoa só.” Adriano é desses que vê alguém com um livro nas mãos e se aproxima para fazer amizade, mas tudo na intenção de saber qual o nome do livro que a tal pessoa está lendo. Então ele tem, podemos assim dizer, uma legião de amigos desconhecidos que foram encontrados quando estavam perdidos na leitura de algum livro.

Foi no ensino fundamental que Aj começou a ter um gosto maior pela leitura. As escolas públicas, naquela época, lembra ele, distribuía livros para os alunos, então ele lia tudo. No ensino médio ele conheceu outras obras, mas sempre se recusou a ler livros de modinhas, aqueles que todo mundo lê, menos ele. E foi aí que ele conheceu os PDF's e mergulhou de cabeça no mundo literário, e então foi apresentado à Kate Brian, a autora que o fez ter noção do que significa fazer caras e bocas durante o envolvimento da leitura. Além de Kate, Adriano começou, também, a ler sobre mitologia, os contos de Rick Riordan. Ele gostou tanto das obras do Riordan que pediu permissão a o professor para apresentar um seminário sobre as influências de Percy Jackson, um dos principais personagens do Rick, na facilidade da inserção do conhecimento mitológico na educação. “Foi bastante empolgante”, conta ele, com um sorriso largo.

Quem conhece Adriano, sabe que ele respira em torno dos livros. Não há uma quantidade grande em sua casa, mas se você abrir o computador vai encontrar uma

biblioteca imensa. Para ele, não tem tempo ruim, quando se trata de pegar um livro para ler, até na chuva, com cuidado para não molhar o livro, serve. O seu envolvimento com a leitura resultou em um livro escrito e reescrito mais de três vezes e aprovado por uma editora. “Eu gostava de desenhos que envolvesse personagens com poderes, e meu primeiro livro tinha essa temática.” Mas era algo que AJ -seu pseudônimo- achava clichê, então repensou o caso e resolveu escrever o livro sobre a segunda coisa que ele mais gostava, que era a espionagem. Bingo! O Identidade Espiã foi escrito em 2010 como uma web-história. “Me sentia realizado quando via adolescentes e jovens de todo Brasil lendo minha história, elogiando, compartilhando e pedindo capítulos novos. Foi incrível!”

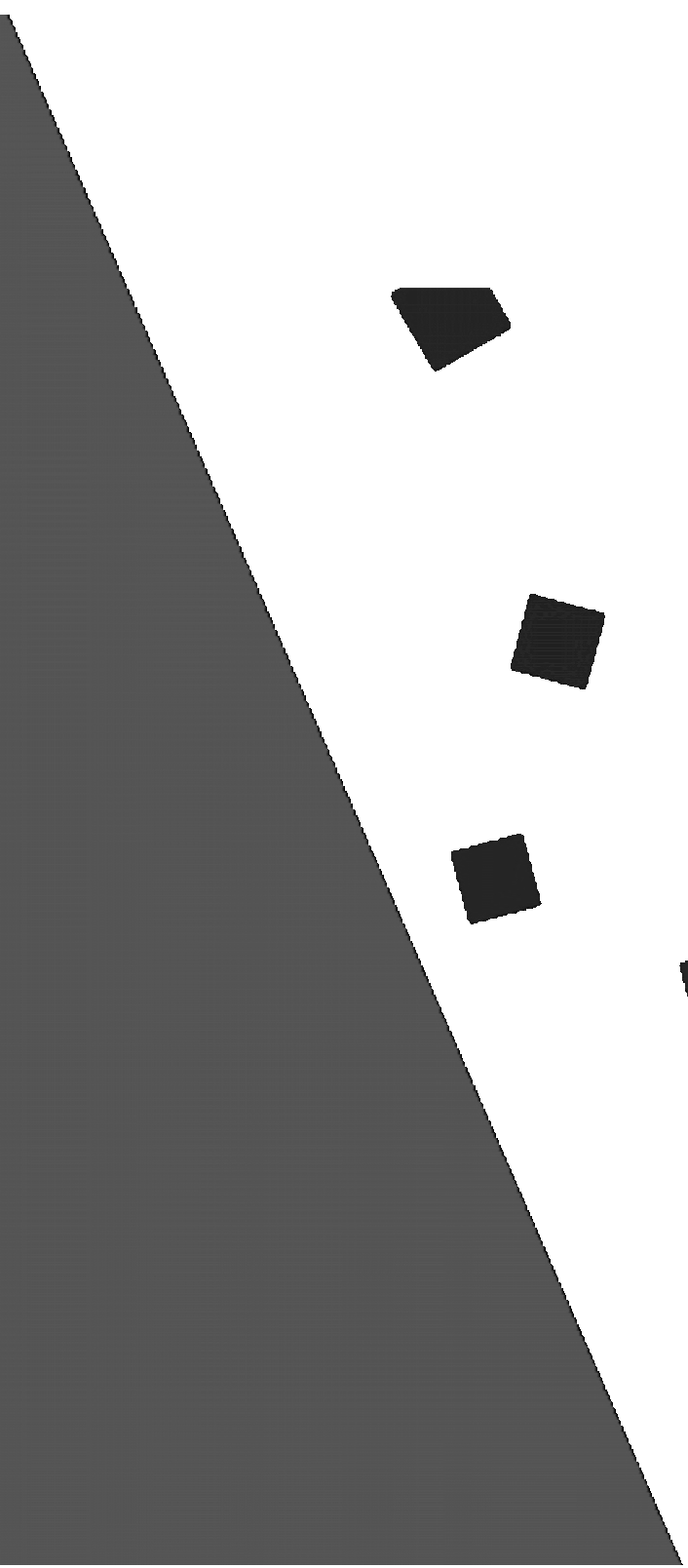
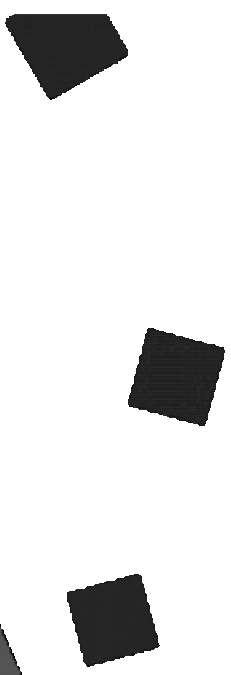
O seu atrevimento de ser um escritor acabou o levando a ter mais sede por livros, e começou a ler os que se encaixavam com a mesma temática do livro que ele escreveu, como Fortaleza Digital de Dan Brown e Gallagher Girls da Ally Carter, ambos sobre espionagem. Mas não é sempre que Adriano tem tempo de sobra, com a rotina corrida de estudos e trabalho, as horas dedicadas à leitura foram diminuídas, mas não eliminadas. Os ônibus passaram a ser o seu cenário de leitura constante, só quando tinha uma folga, o que era muito raro, ele descansa lendo ao balanço da rede. Muitas dessas leituras eram feitas através do Wattpad, uma rede social literária onde os usuários podem ser tanto leitores quanto escritores. Uma das maiores vantagens do site é que dá pra baixar o aplicativo e ler pelo celular. “Querem mais comodidade do que essa?”, fala ele rindo.

O processo de leitura durante a vida mudou, a vida muda quando as pessoas se permitem a isso. A leitura muda e mudou a vida de Adriano também, seja no aumento do vocabulário, seja na forma de falar que se torna mais clara e objetiva, e até mesmo na escrita. Mas a mudança vai além. Se você parar para pensar a quantidade de amigos que faz por meio de uma leitura, é um número muito grande. Pode até ser aqueles desconhecidos íntimos, os que você vê todos os dias, sorrir, dá bom dia, mas, muitas vezes, não sabe o nome. Mas você sabe que ela vai estar lá no mesmo lugar de sempre com um livro na mão te esperando para, quem sabe, bater um bom papo. É uma pena que muitas pessoas não desapegam da tela do celular para mergulhar nas páginas amareladas de mundos diferentes.



Apaixorada por palavras

Aqui falo de mim, de quem fui e de quem me tornei: uma eterna apaixonada por palavras.





Eduarda Lins

Foi em 2010 que uma multidão de palavras alcançaram alguém que, sem querer, um dia pensaria em ser imersa nesse turbilhão de ‘eus’. Me tornei uma eterna apaixonada por palavras. Fui encontrada, mesmo me perdendo tantas vezes dentro dos livros.

Ler grandes poetas como Mário Quintana, Caio Fernando de Abreu, Clarice Lispector, Rubem Alves, Fabrício Carpinejar, Cora Coralina e dentre tantos outros ilustres escritores, fizeram desabrochar o meu lado leitora. Como não agradecer a eles pelas vezes que me fizeram enxergar verdade nas entrelinhas de seus escritos, ou chorar por sentir a verdade penetrando dentro de mim? Há, como não se encantar pelos belos poemas de Caiozinho – para os mais íntimos – Ele e a Clarice desbravaram o nosso enxergar romântico das coisas. Como me fez bem começar a leitura com esses grandes escritores.

Fui influenciada diretamente por algumas pessoas. A Cabana do Willian P. Young foi o primeiro livro que li, e que livro intenso, verdadeiro. Fiquei impressionada como uma leitura pode nos mudar por inteiro. Não sou mais quem fui, que maravilha! A menina que roubava livros do Markus Zusak foi meu segundo livro a ser lido, com um pouco mais de dificuldade, algumas palavras difíceis, mas com uma história fantástica. Livros que falam sobre guerras, amor e livros me encantam, é disso que fala o livro da roubadora de livros.

Como não mencionar os livros infanto-juvenis? Há, a Paula Pimenta e suas crônicas que me descrevem a cada palavra lida. Sim, sou encantada por histórias de prin-

cesas e histórias de vida. Apaixonada por palavras foi o livro que mais me prendeu, já li mais de quatro vezes só pra me certificar se ele é tão bom quanto eu imaginei ao ler pela primeira vez. Sim, ele é! Assim como todos os outros. Mas não ficarei apenas com a Paula. Por que não falar da Clarissa Corrêa? Que lindal! Suas crônicas são de uma intensidade sem limites. O Fabrício Carpinejar com seu encanto falando sobre cotidiano, pessoas, amor e desilusão. Que homem incrível! Alguns livros nos descrevem, contam a nossa vida para o mundo e o mundo inteiro se identifica. Esse é o encanto da leitura.

Abrindo as portas para a eternidade, a leitura me proporcionou diversos prazeres, sensações e momentos. É como se você vivesse cada história que está sendo contada, sentisse cada dor, frustração e felicidade. Ler ultrapassa todo o entendimento e abre caminhos para onde nunca imaginávamos ir.

Não abro mão dos livros de época, as histórias antigas estão guardadas do lado esquerdo do meu peito. Quanta emoção e verdade elas carregam em cada página. Lembro de ter lido um livro chamado Querida Sue da Jessica Brockmole, uma história singela de amor, separação e superação. Toda uma vida vivida através de cartas. Eu sempre recomendo esse livro porque ele choca as pessoas, ele tem esse poder. É incrível!

Se eu pudesse falaria de cada livro que lembro ter lido, de cada história que eles contaram e de como aquilo me modificou. São mais de cinco anos dedicada e imersa nesse universo das palavras, nesse mundo paralelo ao da realidade. Autores e leitores de diversos lugares se encontrando através de uma única ferramenta: a leitura. Às vezes eu fico imaginando como seria encontrar o autor do seu livro favorito, conversar com ele sobre a história – como se ela fosse real, por que as vezes é – e indagar o porquê de ter terminado daquele jeito. Queria muito conhecer a Jojo Moyes, tenho muitas perguntas para ela.

Como eu era antes de você, que é o livro da autora que acabei de citar, é um dos que me fizeram parar por uma semana a leitura e me perguntar porque os autores fazem isso com os leitores. É um misto de leveza, raiva, tristeza e alegria. Amo

quando os escritores conseguem passar isso para mim, mas ao mesmo tempo não suporto o fato de as histórias não acabarem felizes. Mas vamos prosseguir.

Nesses anos, pude ler de tudo um pouco e em diversos lugares. Não poupei meu tempo, eu sempre carreguei e carreguei comigo alguns livros. Todo tempo livre é lucro, seja no ônibus, na cama, no sofá, na casa das primas, na universidade e até nos intervalos do curso, você sempre me encontrará submersa neles. Algumas pessoas até estranhavam quando eu não usava meu tempo livre para ler, já era minha marca registrada. Que bom ser lembrada dessa maneira.

Sempre achei bonito a forma de como as pessoas seriam lembradas quando elas partissem. E eu não estou falando de morte, mas de idas inesperadas, ou esperadas. De pessoas que surgem e logo precisam ir. Gosto de pensar em como elas seriam lembradas, porque elas acabam nos marcando de alguma forma, seja ela boa ou ruim. Eu fui marcada por algumas pessoas, elas me mostraram o lado bonito da vida, me ensinaram o quão prazeroso era pegar um livro e ler.

Hoje, quando me lembro delas, me vem à mente o ano de 2010, quando tudo começou. Elas me falavam abertamente sobre os amores da vida, e dentre eles estava incluso o livro, os poetas, os cronistas. Eu sempre me sentia ‘dentro da caixa’, quase não entendia o que elas falavam. Mas que bom que tive a honra de conhecê-las. Elas não guardaram para si os prazeres da vida e dividiram comigo o que chamavam de ‘amor para a vida’. Hoje eu entendo o porquê.

É bom ser lembrada dessa maneira. Elas me incentivaram de uma forma positiva, viram que o que para elas era bom, poderia ser bom para outras pessoas também. A leitura também transforma as pessoas em seres humanos mais humanos. E talvez ser lembrado dessa maneira seja o melhor elogio que alguém possa receber.

Hoje a maioria das leituras que faço é sobre vida cristã, não deixei meus contos e crônicas de lado, mas decidi dar um tempo pra mim de tudo isso e me aprofundar em quem eu sou. Li algumas vezes o livro *A arte da intercessão* do Kenneth E. Hagin, que é um livro que fala muito ao meu coração. Alguns outros autores como Tony Cooke e Joyce Meyer fazem parte da minha lista. Mas um livro que abrilhan-



tou a minha vida foi um da Patsy Cameneti Para um momento como este - a oração dos últimos dias - fiquei incrivelmente extasiada ao lê-lo. Eu nunca havia ficado tão impactada com algo como fiquei com a leitura desse livro. Ele fala sobre criar estradas para que outros possam passar, sem julgamentos ou preconceitos. A vida com Cristo nos leva ao amor pleno. O livro da Patsy fala sobre o amor em ação através da oração. Incrível!

E, sim, eu sempre fico muito empolgada com as leituras que faço. Sejam elas boas ou ruins, eu sempre terei algo para falar. E é bem provável que você veja um brilho diferente nos meus olhos enquanto eu estiver falando de livros. Eles me movem, me fazem ir além, me redescobrem, me fazem enxergar o lado bonito da vida, o lado onde não existe o impossível. Os livros, sejam eles de papel ou eletrônicos, acabam nos dando o passaporte com livre acesso à qualquer lugar do mundo.

Créditos

Capa e projeto gráfico:
Eduarda Lins

Foto:
Amanda Rocha

Todas as fotografias contidas neste livro têm os direitos reservados à:

Amanda Rocha
Dalisson Markel
Daniel Jardel
Danilo Caldas
Eduarda Lins
Fábio Rasec
Marcony Fernandes

Como não indicá-lo? Eu indico, sim, a leitura desse livro, leitura e leitores. Eu indico Eduarda Lins. Você, querido leitor, precisa conhecê-la através desse fascinante mundo da escrita. Você a encontrará em cada palavra e até mesmo num simples sinal de pontuação. Portanto, *pare-se e divirta-se!*

Magliana Rodrigues da Silva

Admiradora incontestada desse universo que foi criado
(e até hoje é sustentado) pelo Poder da Palavra.



5 901234 123457